

ACADEMIA DE LETRAS SÃO JOÃO EVNGELISTA DA BARRA DE BIGUAÇU.

Academia de Letras de Biguaçu.

Acadêmica : Dalvina de Jesus Siqueira (Estrela)

Patrono: Geraldino Atto de Azevedo.

Cadeira : Número 14.

Quem são Eles

Quem é Geraldino Atto de Azevedo.

Geraldino Atto de Azevedo, nasceu no dia 22 de maio de 1885, no lugarejo, Ribeirão do Meio, em Camboriú, onde também nasceram seus pais, e faleceu no dia 30 de Janeiro do ano de 1947 em Biguaçu. Foi um gênio da poesia que viveu aqui em Biguaçu, onde constituiu família.

Casou-se com dona Isaura Silva, carinhosamente chamada de dona Bicota, pertencente à família ilustre de Biguaçu. Deste casamento, nasceram os seguintes filhos: João Brasil de Azevedo (falecido) Pedro José de Azevedo (falecido), José Esperidião Azevedo, (falecido), Maria Madalena e Maria de Lourdes, esta última falecida.

Geraldino Atto de Azevedo, foi o primeiro poeta de Biguaçu, era um grande sonhador, estava sempre de papel e caneta em punho, pois fazia questão de anotar qualquer conversa interessante, qualquer coisa que lhe despertasse a atenção. Era comerciante e na sua casa de comércio vendia de tudo o que se pudesse imaginar, desde carne seca, até fumo de corda, rendas e botões, sapatos e linhas. Máquinas de mão de costura, etc. Chamava-se Casa de Secos e Molhados, e as pessoas compravam fiado, e era anotado numa caderneta para pagar no final do mês. Naquele tempo, ninguém ficava devendo nada. Não havia malandragem, as pessoas eram corretas e todos trabalhavam muito.

Sr Geraldino, pseudo denominava-se “ Gedo “ nas poesias que escrevia, nas crônicas para os jornais de Florianópolis, Fazia Pasquins, Respingos e participava de todos os acontecimentos, via jornal que muitas vezes chegavam -lhe às mãos já velhos e surrados, ou então pelo correio, via telégrafo. Desse modo ele era o homem mais bem informado da pequena cidade de Biguaçu. Ela era um homem de uma humildade exemplar. Era amigo de todos e tinha muito amor por seus filhos e por sua esposa dona Bicota.

Nunca escreveu um livro, talvez por falta de tempo. Mas era um grande poeta, inclusive sabia falar Francês fluentemente, pois nas Escolas por onde passou existia a disciplina Francês. Era possuidor de uma bronquite crônica que o deixava aborrecido, pois tinha o cépto nasal com um pequeno desvio e isto o atrapalhava muito. Quando eu era pequena, lembro que muitas vezes escutei-o sentado do lado de dentro do balcão da venda tossindo, assoando o nariz e resmungando, mas sempre escrevendo, era um grande sonhador, romântico e apaixonado pela ARTE DE ESCREVER. Foi um baluarte na história da Cultura em Biguaçu.

Das poesias que ele deixou, eu aprecio muito: VAGAS.

Foi à beira do mar que me criei.

Ouvindo dele a doce sinfonia

E aquele voz constante dia, a dia

Por muitos longos anos escutei.

Nas suas brancas praias eu passei.

Da meninice instantes de alegria.

E moço a alma repleta de poesia

Amor, doçura, encantos lá gozei.

E o dia em que deixei este lugar

Onde criei-me ouvindo o velho mar

Foi um dia de dó, de mágoa e de dor.

E embora ninguém creia o que aqui digo

Naquele dia o mar chorou comigo

O pranto da saudade e do amor.

Dezembro de 1930

Penhasco

Ao may'oso cultor das musas

Júlio Cantisano

Oh rocha inabalável, oh bloco de granito

Plantado imóvel, à bordo do oceano

Sobre ti, tem passado, após um ano, outro ano

E assim séculos e séculos do tempo infinito.

Ah, se em teu pétreo seio um coração humano

Pulsasse, em vez do áspero granito

Sofrerias então qual mísero precito

Desta honrada prisão, o fado agro tirano

Sobre a tua cabeça, escalavrada e nua

Caem dos raios do sol, um cáustico de brasas

Pousa sereno e frio um osculo da lua.

E tu mudo gigante a tudo indiferente

Não vês passar o tempo célere em suas asas

Deixando-te aí ficar eternamente

América

Especial para o Município Jornal de Tijucas

**Considerado um louco, um visionário,
Foi Christóvão Colombo o navegante
Intrépido ousado e extraordinário,
Os propósitos seus, firme e constante.**

Sem fundamento algum no imaginário
No acaso simplesmente confiante
Arrostando perigos temerários
Seu sonho de glória leva avante

**E das praias do Pato, caravelas
Soltando um dia suas brancas velas
Vão sob seu comando inteligente**

**Do ignoto trazes à realidade
Um novo mundo para a humanidade
E para o mundo um novo Continente**

Ao meu dileto filho

João Brasil de Azevedo

Faz hoje um ano meu filho querido

Que ali dorme tranqüilo enquanto escrevo

Tão doce é seu dormir que não me atrevo

A fazer mesmo mínimo ruído.

Só quem é pai ou algum dia tenha sido

È capaz de sentir o doce enlevo

Santo afeto que aqui mal descrevo

Por ser meu estro pobre e assaz sumido.

Meu filho, meu amor minha esperança

Quisera preservar pra ti sempre em bonança

O negro e tormentoso mar da vida

E que homem, sejas sempre honrado e são

Que a hipocrisia, a vil bajulação

Jamais no peito teu , achem guarida

22 de abril de 1928

A'IS

Naquela noite as nossas mãos unidas
Os nossos corações juntos pulsando.
Vivendo uma só vida, as nossas vidas
Nossos olhos um só ponto, buscando.

Tu me disseste em frases não mentidas
Todo o seu Santo amor nada ocultando,
Constancia te jurei, mas esquecidas
Por mim foram essas juras, e hoje quando

Recordo dessa noite já distante.
Aquele venturoso e doce instante
Em que sôfrego, um beijo te colhi

Sinto desejos de cair curvado
E de pedir-te, oh anjo idolatrado,
Perdão do crime vil que cometi.

QUEIXAS

Na merencórea praia aberta e nua
Onde o mar vem gemer dolentemente
Eu vou à noite, ver a casta lua
Beijar medrosa ondina transparente

E ali recordo aquele beijo ardente
Que medroso imprimi na face tua
Na tua face lívida, inocente
De castidade imácula de lua

E o mar me conta então em seus queixumes
Uma história de amores e de ciúmes
Uma história remota, velha, antiga

Enquanto ao longe, na amplidão das águas
Buscando lenitivo as duras Mágoas
Canta um barqueiro, lânguida cantiga

1919

Entre centenas de poesias deixadas pelo Sr Geraldino Atto de Azevedo,
recolho estasa esmo, pois todas as outras e muito mais relatos estão no livro “
MEMORIAL GEDO “ que levarei àlançamento muito em breve.

Dalvina de Jesus Siqueira.